

Viver não é motivo para rir | Carta semanal 24 (2020)



Deborah Jack (St. Martin), *A água entre nós lembra, por isso levamos nossa história em nossa pele, ansiamos por um banho de mar e esperamos que o sal nos cure do que nos enferma*, 2016.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

O governo dos **Estados Unidos retirou seu apoio à Organização Mundial da Saúde (OMS)** com base em acusações de que não ela não antecipou o novo coronavírus e no **questionamento do presidente dos EUA, Donald Trump**, sobre a independência da instituição em relação à China, chamando-a de “fantoche” nas mãos do país asiático. Há um tom malicioso nessas declarações, e Trump continua defendendo – contra todas as **evidências** – que o governo chinês suprimiu as informações sobre o vírus no final de 2019. Em um breve vídeo, nossa equipe responde a cinco perguntas importantes sobre a China e a Covid-19:

CoronaChoque: Cinco perguntas sobre a China e a Covid-19.

O ataque à China e à OMS parece calculado para desviar a atenção da incompetência de governos de países como EUA e Brasil em lidar com a crise. No Brasil, o presidente Jair Bolsonaro agora suspendeu a publicação de dados públicos sobre as taxas de infecção e mortalidade causada pelo vírus; também ameaça suspender a ordem constitucional e realizar um autogolpe e tomar o poder por completo.



Jing Kewen (China), *Sonho 2008, n. 1 (enfermeiras)*, 2008.

Depois que Trump retirou fundos para a OMS, o Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, **disse**: “Agora é a hora da unidade na batalha global para empurrar a pandemia de Covid-19 para trás, não de cortar recursos da Organização Mundial de Saúde, que lidera e coordena os esforços globais”. A ex-primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, fez eco a esse sentimento, **afirmando** que “a última coisa que precisamos agora é atacar a OMS”, única organização com “a experiência necessária e o poder de ter uma visão geral e de compartilhar informações”. Nenhuma dessas vozes causou impacto em Trump.

Como ex-chefe da OMS, Brundtland sabe exatamente do que está falando. Ela também foi co-presidenta do

Conselho de Monitoramento da Preparação Global, com Elhadj As Sy, Secretário Geral da Federação Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. O **relatório** – publicado em setembro de 2019 – alerta que “o mundo não está preparado para uma pandemia de patógeno respiratório virulento em movimento rápido”. No mesmo mês, Brundtland disse aos líderes mundiais em uma **reunião do alto escalão da ONU** sobre cobertura universal de saúde, e afirmou que cortar orçamentos na área era um “grande erro” e que havia inclusive uma necessidade urgente de aumentar o financiamento público para a saúde pública. Tais avisos não foram levados a sério.



DOSSIÊ Nº 29

SAÚDE, UMA ESCOLHA POLÍTICA

Esta semana, o **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** lançou *Saúde é uma escolha política* (dossiê n. 29, junho de 2020), que acata o aviso de Brundtland. Para compreender o colapso da saúde desencadeado pela pandemia de Covid-19, conversamos com profissionais da saúde pública e sindicalistas nos quatro países onde existem escritórios da **Tricontinental** (Argentina, Brasil, Índia e África do Sul). Eles nos mostram como os trabalhadores da saúde e os movimentos populares, mesmo com o mínimo apoio estatal, têm lutado contra esse vírus altamente contagioso. Eles também compartilharam conosco muitas de suas reivindicações sobre o Estado e a sociedade para garantir melhores condições no combate ao vírus e outros que certamente surgirão nos próximos anos. Com base no que aprendemos com esses profissionais de saúde, seus sindicatos e organizações, desenvolvemos uma lista de demandas de dezesseis pontos. Leia abaixo:

1. Priorizar imediatamente a capacidade de todos os serviços de saúde – públicos e privados – no tratamento de casos graves de Covid-19.
2. Prestar assistência especial a regiões e comunidades severamente afetadas pela pandemia.
3. Aplicar políticas como o isolamento para conter a propagação do vírus; instituir os subsídios e as políticas necessárias para permitir que os trabalhadores obedeçam à quarentena sem passar fome – incluindo trabalhadores informais – como programas de renda mínima, renda social, seguro-desemprego (mesmo para não-contribuintes) e permitir acesso emergencial a propriedades ociosas para fornecer moradia aqueles que precisam.
4. Proteger os trabalhadores, fornecendo EPIs e máscaras de alta qualidade, além de outros equipamentos necessários. Os trabalhadores da linha de frente devem ser adequadamente treinados para enfrentar a doença.
5. Garantir cartões de identificação adequados para os profissionais de saúde da linha de frente, para que possam realizar seus trabalhos essenciais de saúde sem enfrentar multas, violência ou outras punições por parte do Estado sob isolamento e quarentena.
6. Aumentar substancialmente os testes Covid-19 para profissionais de saúde.
7. Aumentar o equipamento em hospitais e centros médicos, incluindo respiradores e leitos da unidade de terapia intensiva.
8. Reconhecimento do direito dos trabalhadores de se retirar do trabalho se assim decidirem devido a um risco iminente à sua saúde ou vida (com base nas Convenções da Organização Internacional do Trabalho 155 e 187).
9. Desembolso imediato de fundos para a criação de escolas de treinamento para profissionais de saúde, incluindo médicos, enfermeiros e profissionais de saúde pública.
10. Aumento dos salários dos profissionais de saúde, que devem ser pagos com regularidade.
11. Os profissionais de saúde devem ter acesso aos melhores tratamentos, caso adoeçam, e seguros de vida, caso venham a falecer por conta da doença. Todos devem ter assistência médica gratuita e universal garantida.
12. Garantir a inclusão dos sindicatos dos trabalhadores da saúde em comitês que formulam políticas para o setor da saúde em geral e para a crise da Covid-19 em particular, e que tenham voz para ajudar a determinar tais políticas.
13. Destinar imediatamente recursos significativos para a expansão dos programas de saúde pública, incluindo a atenção primária, e fim das políticas de austeridade.
14. Transferência de todo o setor da saúde – de hospitais para clínicas rurais, de fabricantes de equipamentos médicos até fabricantes de produtos farmacêuticos – para o setor público.
15. Entrega imediata de recursos adequados para pesquisas relacionadas a esse e a outros vírus semelhantes.
16. Garantir que as medidas alcançadas no período da epidemia sejam mantidas após sua resolução.

Esperamos que você compartilhe essas reivindicações amplamente e ajude a construir um consenso em torno delas. Uma coisa é elogiar “trabalhadores essenciais” – outra é aceitar suas demandas como essenciais.



Os profissionais de saúde estão comprometidos com a vida. Quando pareceu que a cadeia de infecção havia sido quebrada em Wuhan (República Popular da China), os trabalhadores da saúde chineses – todos membros do Partido Comunista – fizeram um **vídeo** tirando suas máscaras. O sentimento desse vídeo era claro: eles estavam orgulhosos do trabalho que haviam realizado, estavam orgulhosos de ter quebrado a cadeia de infecção e estavam contentes que a vida triunfou sobre a morte.

O poeta turco Nâzim Hikmet escreveu um poema encantador sobre essa insistência na vida, parte da qual incluímos aqui:

Viver não é motivo para rir:

você deve levar a sério,

tanto assim e em tal grau

que, por exemplo, com suas mãos amarradas atrás das costas,

e de costas para a parede,

ou então em um laboratório

em seu jaleco branco e óculos de segurança,

você possa morrer por pessoas

mesmo por pessoas cujos rostos você nunca viu,

mesmo que você saiba que viver

é a coisa mais real e mais bonita.

Quero dizer, você deve levar a vida tão a sério

que mesmo aos setenta, por exemplo, você plante oliveiras –

e não para os seus filhos, também,

mas porque, embora você tema a morte, não acredita nela,

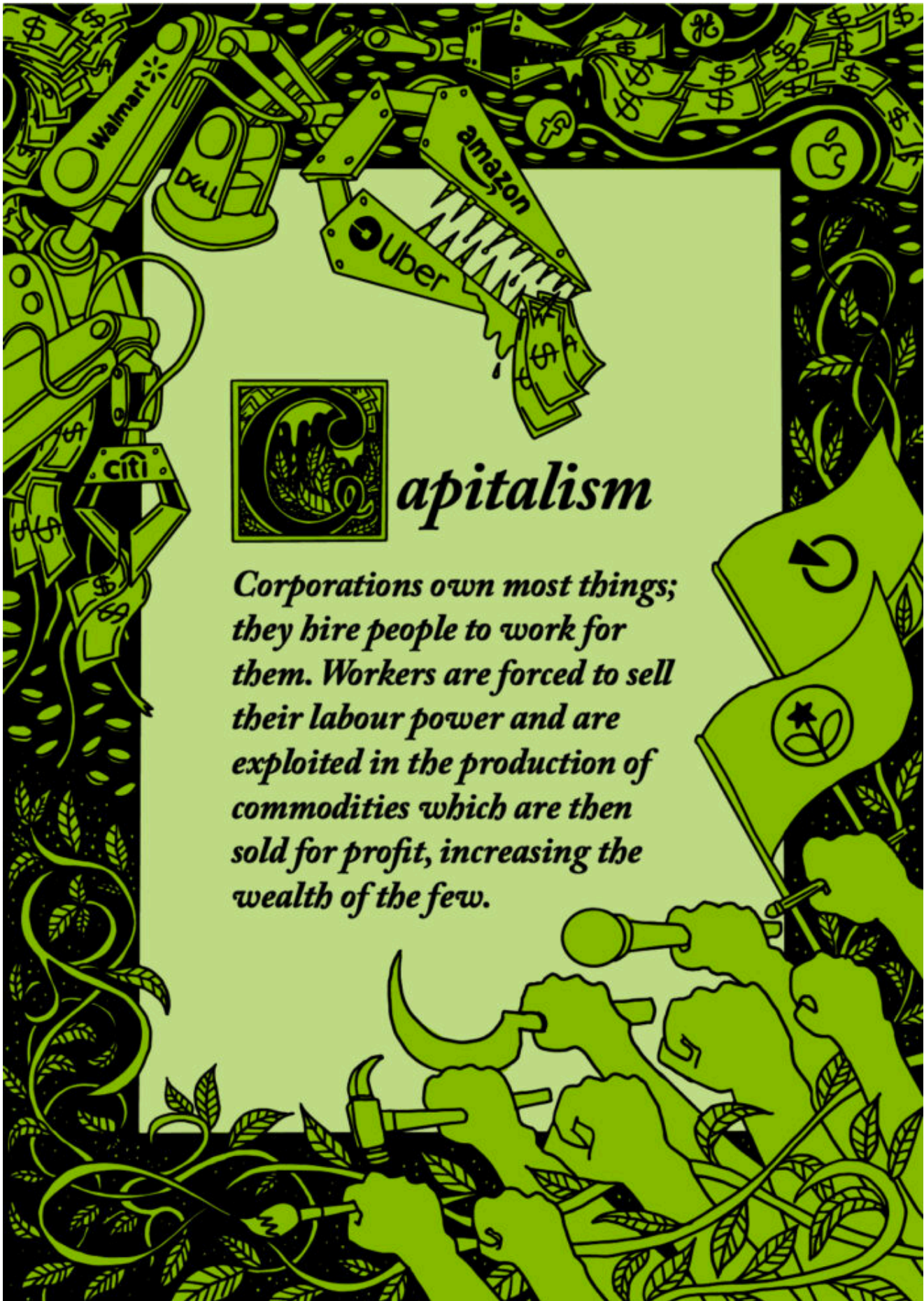
porque viver, quero dizer, pesa mais.

Viver não é motivo de riso, tampouco é o custo necessário para permanecer vivo. Quem arca com esse custo, atualmente, são os profissionais de saúde e os trabalhadores que os apoiam. Também arca com ele outros setores-chave em nossas sociedades: agricultores, operários e trabalhadores do transporte público que não puderam confinar-se; pessoas que trabalham para operar instalações de emergência, como refeitórios, para pessoas que não teriam sobrevivido sem elas; e por famílias com poucos meios para praticar o distanciamento físico e outras medidas recomendadas pela OMS.



Safwan Dahoul (Syria), *Dream 172*, 2018.

Pessoas como Trump e Bolsonaro não estão interessadas nas vozes desses trabalhadores ou de suas comunidades; estão focados em polir suas próprias reputações culpando os outros por sua própria incompetência. São esses trabalhadores, no entanto, cuja seriedade mantém nossa sociedade unida; é hora de permitirmos que eles definam o caminho a seguir.



apitalism

*Corporations own most things;
they hire people to work for
them. Workers are forced to sell
their labour power and are
exploited in the production of
commodities which are then
sold for profit, increasing the
wealth of the few.*

O **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**, em parceria com a **Semana Internacional da Luta Anti-Imperialista**, realiza uma série de exposições de cartazes com palavras-chave de nossos tempos (capitalismo, neoliberalismo, guerra híbrida e imperialismo). A primeira **exposição**, aberta em 11 de junho, é sobre o tema do capitalismo. Setenta e sete artistas de 26 países e 21 organizações participam da exposição. Nesta série, você encontrará amostras não apenas de um sistema capitalista em decomposição, mas também de um novo mundo que está sendo introduzido pelas lutas populares no mundo.

Cordialmente, Vijay.